

e.Ciência

A Revista da Ciência, Tecnologia e Inovação em Portugal

NAVEGANDO NA FILOSOFIA

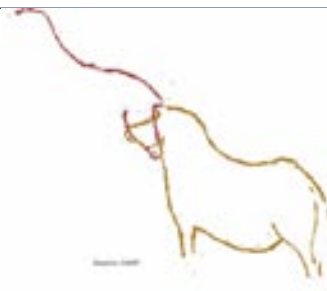
OBRAS E PERCURSOS

OS GRANDES NOMES DA FILOSOFIA



E AINDA...

- Parque Arqueológico do Vale do Côa
- Megalitismo Alentejano
- 5º Encontro Nacional de Professores de Filosofia



Para que os suportes da arte do Côa, e por inerência a própria arte, continue a existir na sua paisagem arqueológica, que aliás lhe fornece grande parte da sua significância, é necessário continuar a desenvolver esforços de conservação concertados e profícuos que dêem sequência ao momento fundador de uma nova forma de encarar a arqueologia e o património arqueológico em Portugal

António Pedro Batarda Fernandes,
Arqueólogo e Coordenador do Programa para
Conservar o PAVC

A Conservação da Arte Rupestre Pré-Histórica do Vale do Côa: uma encruzilhada multidisciplinar

Por entre os meandros e canadas tributárias do rio Côa localiza-se um dos maiores complexos de arte rupestre de ar livre mundial. Embora nos painéis xistosos verticais figurem motivos de diversas épocas, foi fundamentalmente a arte pré-histórica do Paleolítico Superior que, em 1998, motivou a inscrição do Vale do Côa na Lista do Património Mundial da UNESCO. No momento em que escrevemos são conhecidos seis mil motivos individuais inscritos na rocha dos quais os atribuíveis ao Paleolítico Superior perfazem cerca de 65 por cento do total. Estes seis milhares de motivos encontram-se agrupados em 30 Núcleos de Arte Rupestre espalhados ao longo dos últimos 17 km do rio Côa.

A arte do Côa é de uma extrema importância mundial já que proporcionou uma alteração fundamental na forma de interpretar a arte Paleolítica da Europa Ocidental. Até à descoberta do Côa, acreditava-se que a arte Paleolítica era quase exclusivamente pintada ou gravada em espaços subterrâneos, como é o caso das famosas grutas de Lascaux ou Altamira, para citar os exemplos mais proeminentes. Seria uma arte das trevas, semi-privada porventura apenas acessível a uns poucos iniciados. O grandioso conjunto do Côa, que se integra estilística e tecnicamente no grande complexo pan-europeu de arte rupestre do Paleolítico Superior, veio demonstrar que esse paradigma interpretativo estaria desajustado da realidade. A arte rupestre seria tanto de espaços confinados como de ar livre; seria tanto uma arte privada como pública. Questões de conservação diferencial – não nos esqueçamos que uma arte localizada ao ar livre sofrerá processos de meteorização muito mais rápidos do que aquela situada em gruta – terão implicado uma maior destruição dos sítios de ar livre. Sítios de ar livre como o Côa seriam pelo menos tão numerosos como aqueles situados em contexto subterrâneo.

Assim, a preservação até aos nossos dias do complexo de ar livre do Vale do Côa deve ser considerada como um caso excepcional. Contudo, tal não é resultado de pura sorte. As características geológicas, mas também climáticas e históricas da região – o clima seco e quente por um lado e a fraca exploração económica do território por outro – favoreceram a preservação da arte do Côa desde um dado momento do Paleolítico Superior (cerca de 25 000 anos BP) até aos nossos dias. Mas factor decisivo foi mesmo a grande resistência à meteorização que os xistos do troço final do Côa possuem. No entanto, a arte rupestre não é eterna. Se os processos de degradação, fundamentalmente mecânicos ou geomorfológicos, dos painéis xistosos se manifestam lentamente no tempo humano, ou mesmo no tempo geológico, estes implicam, contudo, o inexorável desaparecimento da arte rupestre. Se conseguirmos que a arte do Côa dure outros tantos 25 mil anos já nos poderemos dar como satisfeitos.

Sendo que os processos de degradação têm origens variadas – actuando porém de forma interligada – eis-nos chegados à encruzilhada multidisciplinar a que acima nos referimos. Esta não é tanto uma encruzilhada onde estacámos em dúvida do rumo a seguir, mas sim um local onde se deve assegurar que os contributos de diversos campos do saber científico – Arqueologia, Geomorfologia, Geotecnia, Sismologia, Climatologia, Lichenologia, Conservação e Restauro ou Ordenamento e Gestão do Território – se aliam, para em conjunto delinearem um percurso comum. A importância mundial da arte do Côa e a sua transmissão às gerações vindouras assim o determinam; apenas procedendo multidisciplinarmente se poderá assegurar um correcto diagnóstico das dinâmicas erosivas bem como das consequentes acções de conservação.

O Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PC-PAVC), que coordenamos, foi

estabelecido numa perspectiva moderna de colaboração multidisciplinar. Há já algum tempo que no nosso país a investigação arqueológica tem vindo a ser entendida de uma forma integral e hoje em dia é ponto assente – refira-se, por exemplo, que o Regulamento de Trabalhos Arqueológicos exige que num pedido de autorização para trabalho arqueológico se explicita “que meios ou facilidades se dispõe para conservação e restauro” – que um projecto de investigação de um sítio deve também conter um plano de conservação das estruturas preservadas no seu sepulcro ancestral e que serão submetidas a um ritmo erosivo muito mais acentuado por força da sua exposição. Por outro lado, se não se encarar seriamente a conservação do registo arqueológico que a escavação expõe e em certa medida danificou (escavar implica a destruição física de parte do registo arqueológico, nomeadamente da estratigrafia), as gerações futuras, também de arqueólogos, não poderão desfrutar e continuar a investigar esse património arqueológico.

A investigação arqueológica consagrada à arte rupestre não implica, contudo, na maioria dos casos, a escavação dos painéis insculptados ou pintados. Assim, o objecto dos esforços dos trabalhos de conservação do PAVC existe ao ar livre há já vários milhares de anos, quer os painéis, quer os motivos que estes albergam. Para que os suportes da arte do Côa, e por inerência a própria arte, continue a existir na sua paisagem arqueológica, que aliás lhe fornece grande parte da sua significância, é necessário continuar a desenvolver esforços de conservação concertados e profícuos que dêem sequência ao momento fundador de uma nova forma de encarar a arqueologia e o património arqueológico em Portugal: a decisão de preservar in situ as gravuras do Vale do Côa. Mais, para que arqueólogos e outros investigadores continuem a estudar a arte do Côa, quer hoje quer daqui a vinte ou cem anos, é necessário que ela continue a existir no seu vale, extenso palimpsesto que nos permite entrever um pouco do espírito, cultura, economia ou sistema de crenças dos primeiros Sapiens Sapiens europeus.

A Arqueologia é actualmente uma disciplina interdisciplinar que dialoga em pé de igualdade não só com as ciências sociais mas também com as ciências naturais estabelecendo uma ponte interessante e salutar entre dois campos aparentemente com poucos pontos de contacto, quer no método quer no objecto, e que muitas vezes se refugiam num certo proselitismo e tecnicismo supostos detentores duma verdade absoluta bem como num jargão exclusivo, logo quase incompreensível para os leigos. Muitas vezes um certo sectarismo pouco ajuda para uma ampla divulgação científica que possa não só rebater uma imagem pública demasiadamente negativa daquilo que verdadeiramente é a ciência, mas também a superar rivalidades conceptuais. Tais são comumente motivadas não por diferentes abordagens teóricas e metodológicas, salutares e imprescindíveis na construção de hipóteses de explicação do mundo, mas pela tentação de cair numa exclusividade total: o pressuposto de que apenas um dos vários domínios do saber poderá,

exclusivamente, explicar real, em si ou em nós, detendo esse domínio todas as chaves e fechaduras de teorias explicativas finais absolutas com as quais se aferrolha dentro de um baluarte programático e ontológico estanque e privativo.

Todas as ciências envolvidas no PC-PAVC terão a ganhar com um projecto multidisciplinar deste âmbito. De facto, ao alargar o seu campo de estudo, novos dados irão com certeza surgir, contribuindo assim para um maior e mais rigoroso conhecimento do mundo e seus mecanismos, afinal o maior propósito da ciência positivista que, apesar de algumas interrogações ontológicas ‘pós-modernas’, se continua, especialmente nas chamadas ciências ‘duras’ (ou seja, as naturais ou físicas, como se quiser apelar), a praticar. De qualquer modo, esta colaboração multidisciplinar já apresentou resultados importantes para várias ciências. Como exemplo refira-se que a estação sísmológica instalada no Vale do Côa, numa parceria do PAVC com o Centro

de Geofísica da Universidade de Lisboa (CGUL), permitiu captar inúmeros pequenos sismos regionais que à rede nacional do Instituto de Meteorologia haviam passado despercebidos. Para o estudo da sismologia local este é um dado importante pois permitiu determinar que a zona é sismologicamente mais activa do que se pensava. Para o PC-PAVC é também importante saber que qualquer acção conservativa a realizar nas painéis de arte rupestre deve ter, na medida do possível, características anti-sísmicas.

O PC-PAVC proporciona pois um diálogo profícuo e de charneira entre as várias ciências suas contribuintes, podendo assim contribuir para esbater uma certa desconfiança, e por vezes ignorância mútua, entre as chamadas ciências físicas e humanas. Sem o contributo da Arqueologia na compreensão de todo o fenómeno de arte rupestre de Côa, as ciências da conservação não saberiam exactamente quais os precisos valores patrimoniais a conservar nem conseguiriam definir com exactidão os limites éticos e estéticos, decorrentes desses valores, dessas intervenções. Do mesmo modo, sem o contributo da Geologia não se conseguiriam compreender cabalmente os processos erosivos cujas consequências erodentes as intervenções de conservação irão tentar minorar. Tal esforço conservativo contribuirá, por sua vez, para a continuada existência do objecto de estudo da Arqueologia, a arte rupestre no seu contexto paisagístico.

Mais informação sobre o PC-PAVC pode ser encontrada em <http://www.ipa.min-cultura.pt/coa>

